



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

*Ginástica Artística no âmbito escolar:
Propostas e Reflexões*

Márcia Ogassawara Togami

2003



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física



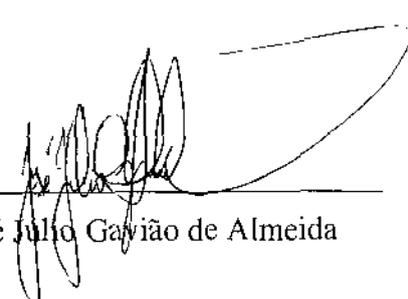
*Ginástica Artística no âmbito escolar:
Propostas e Reflexões*

Monografia apresentada
como requisito parcial para
obtenção do título de
licenciada em Educação
Física pela Universidade
Estadual de Campinas so
orientação:
Prof.Dr. José Júlio Gavião de
Almeida.

Márcia Ogassawara Togami

2003

TOGAMI, M. O. Ginástica artística no âmbito escolar: propostas e reflexões, Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de professor graduado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.



PROFº Dr. José Julio Gavião de Almeida

Me. Kátia Danailof

Agradecimentos:

Aos meus pais, Ryoko Ogassawara Togami e Luiz Mutsuo Togami: por sempre estarem ao meu lado, independente da situação, deram-me carinho, compreensão e respeito.

Aos meus amigos:

Frederico Joaquim de Sousa por me proporcionar uma nova visão de mundo e ser um ombro amigo durante toda a graduação

Alan Marques da Silva, obrigada pelas conversas acadêmicas e outras tantas nada acadêmicas.

Henrique Okajima Nakamoto, Henrique Makoto Simono, Eduardo Turuta, nós, integrantes da colônia japonesa, conversamos bastante e com certeza consolidamos uma amizade.

Marcos Augusto, meu parceiro de estágio e amigo.

Rachel Moura, minha companheira de idas à Unicamp.

E outros tantos: Leandro, Verônica, Simone, Clodoaldo, Sabrina, Marcel, Marcos, Carlos Eduardo, Kleber, Kamilla, Ricardo, Michele, João Paulo, Alexandre, Tiago Corradine, Tiago Perez, Luciana, Luciana Coletti, Ananda, Juliana Leite, Tatiana, Renata, Marina, Sílvia, Rafaelle, Gabi, Melissa (GGU), Carioba, Andreza, Isabela, Edu Japonês, Serginho, Djane.

À minha turma de graduação, obrigada por sermos uma turma unida.

Aos que não são da minha turma de graduação, são tantas pessoas nas quais conheci e conversei, agradeço por me ouvirem, e, por nos divertirmos.

Ao GGU, fazem quatro anos que este grupo entrou na minha vida, mas estará sempre presente, tanto profissional, como pessoal, um grupo onde me ensinou, acima de tudo, ter criatividade, tolerância e humildade.

Aos professores de graduação que me abriram para um mundo mais crítico, seja positivamente como negativamente, por me apresentarem outros conceitos sobre educação física, outras visões sobre a realidade.

E a tantas outras pessoas que passaram na minha vida, deixaram traços, e hoje estão distante.

“Não quero dizer, porém, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos de esperança crítica, como peixe necessita da água despoluída.” Paulo Freire

Resumo:

Alguns conteúdos da cultura corporal apresentam maior dificuldade em serem introduzidos como conhecimento da educação física escolar, entre eles, a ginástica artística.

Esta resistência de se inserir tal conteúdo na escola está relacionado com a falta de informação sobre esta prática e como ela é vista, principalmente o que é veiculado sobre ela.

O objetivo deste trabalho foi estudar a ginástica artística e abrir um espaço para possibilitar a introdução deste conteúdo na educação física escolar e mostrar suas potencialidade enquanto parte integrante da cultura corporal.

Através de um estudo bibliográfico dos conteúdos da educação física escolar e, mais profundamente da história da ginástica, foi possível entender o contexto em que se encontra a ginástica artística e desmistificar um pouco esta modalidade esportiva para assim, poder introduzi-la na escola.

Neste estudo, pudemos perceber que a escola é um espaço de rupturas onde o senso comum ganha significados novos e elaborados, onde é apresentado o conhecimento epistemológico. Nesse sentido, a ginástica artística deveria estar presente na disciplina escolar educação física.

marcinhati@pop.com.br

Abstract:

Some contents of the corporal culture present difficulty in being introduced as knowledge of the school physical education, between them, the artistic gymnastics.

This resistance of if inserting such content in the school are related with the lack of information on this practical and as it is seen, mainly what she is propagated on it.

The objective of this work was to study the artistic gymnastics and to open a space to make possible the introduction of this content in the pertaining to school physical education and to show its potentiality while it has left integrant of the corporal culture

Through a bibliographical study of the contents of physical education pertaining to school e, more deeply of the history of the gymnastics, it was possible to understand the context where if it finds the gymnastics artistic and to demystify a little this esportiva modality for thus, to be able introduziz it in the school

It is perceived that the school is a space of ruptures where the common sense gains new and elaborated meanings, where is presented the epistemológico knowledge. In this direction, the artistic gymnastics would have to be present in disciplines pertaining to school physical education.

Sumário:

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução.....	10
1. Observações e compartilhamento	
de experiências.....	13
2. Metodologia: Caminhos	
percorridos.....	14
Capítulo I - Conhecendo os principais	
problemas da Ginástica Artística.....	17
Capítulo II - Conhecendo o contexto da	
ginástica artística.....	21
2.1 Estudando Roland	
Carrasco.....	22
2.2 Estudando Philippe	
Hostal.....	23
2.3 Estudando Jacques	
Leguet.....	24
Capítulo III – Educação Física e Ginástica Artística:	
Reflexões e algumas propostas.....	29
Capítulo IV - A ginástica artística e sua associação	
com os métodos ginásticos: um pouco mais de história	
e outras reflexões.....	34

4.1 Método Alemão.....	35
4.2 Método Sueco.....	36
4.3 Método Francês.....	37
Considerações Finais.....	40
Bibliografia.....	42

INTRODUÇÃO:

Há bastante bibliografia sobre ginástica artística, com seus movimentos sistematizados (seja para o esporte de rendimento ou para a escola), propostas para adaptação dos espaços escolares para sua prática, mas, mesmo havendo tal literatura, para a grande maioria dos profissionais em Educação Física, principalmente, professores de educação física escolar, apresentam bastante dificuldade em ministrar este conteúdo nas aulas.

A maioria dos esportes, principalmente, os coletivos não são contestados sobre sua inclusão na educação física escolar, como por exemplo, o futebol, não ficamos atrás de motivos que nos convençam de que é uma prática que faz parte da educação física escolar e é um conteúdo que deve ser explorado, mas, não podemos dizer o mesmo da Ginástica Artística.

A ginástica artística é um esporte tradicional¹, mas não convencional, tem esta última característica porque proporciona aos praticantes posições e deslocamentos diferenciados, há exigência de rotações não convencionais (em diferentes eixos), aterrissagens mais fortes, e são justamente estas características que distanciam o profissional de educação física escolar a não se atrever em mostrar tal conteúdo. Quando se atrevem, a prática da ginástica artística está sempre associada ao desenvolvimento físico, mais precisamente motor (aptidão física), as interações pessoais que um esporte de considerável risco proporciona (há grande sociabilidade entre as ginastas, principalmente porque, muitas vezes elas próprias fazem a segurança para as colegas), ou seja, a modalidade está relacionada com as áreas desenvolvimentista e da psicomotricidade.

Outro fator que barra a entrada da ginástica artística na escola, é a forte influência que os meios de comunicação divulgam o esporte, principalmente no Brasil, nota-se que há poucas reportagens sobre o assunto, e nestas poucas reportagens é abordado o esporte no âmbito competitivo de alto nível, e a

¹ Tradicional porque existe e está consolidado em nossa sociedade como um esporte, seja nas Olimpíadas como nos Mundiais.

ginástica artística não foge dos padrões esportivos: superação de limites, seguindo a concepção “os fins justificam os meios”, não importando como o atleta irá chegar num bom resultado, por isso, temos tantos casos de práticas alternativas e nada saudáveis de se ter o biotipo ideal para os determinados esportes. Mas nestes padrões ideais, podemos dizer que a ginástica artística sofre tanto quanto os outros esportes, sendo que os ginastas consagrados nesta modalidade apresentam um padrão corporal bastante rígido: baixa estatura, um corpo sempre ágil, magro e forte.

Esta imagem parece seguir inalterada para a Escola, seja para alguns profissionais de educação física, seja para os alunos. Ao realizar uma entrevista para a disciplina MH-503², foi perguntado à professora do Ensino Médio de Educação Física se ela inclui em suas aulas a modalidade ginástica artística, ela respondeu que não há aulas com este conteúdo porque “adolescentes de grande estatura não conseguem praticar o esporte” e “não temos possibilidade de segurança para a ginástica artística”. A professora também relatou que as aulas de educação física do ensino fundamental (de primeira à quarta série) este conteúdo é mais viável porque “proporciona o desenvolvimento do equilíbrio, controle motor, ajuda na formação do esquema corporal”. E, mesmo defendendo este raciocínio, foi visto que a professora encarregada das aulas de educação física no ensino infantil e fundamental, não trabalha a ginástica artística na escola.

Se no decorrer de toda vida escolar o aluno não aprendeu com o conteúdo ginástica artística, então, passou-se a época de vivenciar tal esporte, um aluno estudante do Ensino Fundamental e Médio, teoricamente, têm equilíbrio, já deve ter formado o esquema corporal etc, e se transforma num conteúdo esquecido da educação física.

Qualquer conteúdo da Educação Física (seja o esporte, as lutas, as ginásticas, as danças, a Capoeira) pode proporcionar ao aluno todas estas destrezas citadas pela professora, e é fato também que muitas crianças

² Educação Motora III, disciplina do currículo de licenciatura em educação física da Unicamp que tem como objeto de estudo a educação física no ensino médio.

conseguiram estas destrezas sem ao menos ter uma educação física escolar satisfatória. Deixo claro que não nego a importância da educação física escolar, mas acredito que ela muito está além de simplesmente dar ferramentas de desenvolvimento motor e psicológico aos alunos, como uma disciplina escolar, ela deve fornecer conteúdos científicos de forma sistematizada para melhor compreensão dos alunos, estando estes aptos para entender a sociedade em que se encontram.

Embora afirmem que as aulas de ginástica artística seriam um bom conteúdo para o ensino infantil e os primeiros anos do ensino fundamental, dificilmente encontramos tal conteúdo ministrado para estas séries, e, nota-se que muitos profissionais de educação física não se sentem aptos em ministrar tal conteúdo.

Nota-se que a imagem imposta também influencia na entrada da ginástica artística, como a idéia de que se é necessário um ginásio extremamente equipado para se ministrar uma aula de ginástica artística, algo de difícil conquista para qualquer escola, seja pública como privada.

Sabendo da realidade em que se encontra a ginástica artística na educação física escolar, pretendo formular um trabalho que dê argumentos para se inserir tal modalidade na Escola, é uma proposta de identificar, analisar e inserir meu ponto de vista sobre a ginástica artística, para assim, entender os significados e valores que esta prática apresentou, e os que apresentam hoje.

Como qualquer proposta e reflexão de ensino, tentarei desmistificar a ginástica artística, mostrando sua prática escolar não pode ser tão vinculada com o esporte de alto nível e sem a famosa argumentação de que é um esporte extremamente perigoso e a escola não tem como proporcionar tal vivência ao aluno. No âmbito escolar dificilmente executaremos exercícios de alto grau de complexidade.

A proposta deste trabalho é, também, mostrar uma reflexão sobre o tema, principalmente uma prática e conhecimento desta modalidade esportiva, afinal, a educação física tem como objetivo, na escola, fornecer, ensinar os

conhecimentos presentes na sociedade, entendidas como conteúdos da cultura corporal.

A escola tem como objetivo desmistificar o conhecimento dos alunos, ou seja, dar argumentos para os alunos conseguirem ter autonomia sobre sua realidade, e é nesta linha de pensamento que segue este trabalho: tentar desmistificar a ginástica artística e mostrar que é possível inseri-la no projeto-pedagógico escolar. Quebrar paradigmas que afirmam ser uma prática inibidora do crescimento corporal e apenas os alunos mais habilidosos e com flexibilidade conseguem praticar, e defender uma prática prazerosa (e crítica) que a ginástica artística pode proporcionar.

Além de tentar fornecer argumentos para a introdução deste conteúdo na escola, este trabalho consiste também em abrir possibilidades de discussão sobre o tema, e, fornecer dados, idéias e pensamentos sobre esta modalidade.

Observações e compartilhamento de experiências:

Vejo que é um desafio muito grande para mim, porque fui influenciada pela ginástica artística competitiva e com cobranças de boas performances. Nunca tive tal conteúdo na escola, com uma visão mais de conhecimento e percebo que muitas pessoas que tenham experiência com a ginástica artística também tiveram em clubes e associações esportivas.

A ginástica artística é um esporte que me fascina até hoje; antes pela estética e dificuldade, hoje, por sua história e possibilidades que este esporte pode proporcionar. Embora estudasse em um colégio no qual havia alguns materiais de ginástica artística e de ginástica rítmica, estes conteúdos me foram ensinados em uma associação esportiva e, embora houvesse competições escolares destas modalidades, participavam nelas somente quem tinha vivência no esporte, sendo todos de instituições não escolares.

Ao participar da XII Gymnaestrada realizada em 2003 na cidade de Lisboa - Portugal, evento basicamente com o objetivo de divulgar as ginásticas que estão sendo desenvolvidas no mundo, a ginástica artística é muito presente neste evento, presenciei grupos com performances que necessitam de muita

técnica para executar os exercícios das coreografias destes grupos e vi portadores de diferentes deficiências, grupos masters de ginástica, grupos mistos, mostrando como é possível ter ginástica artística, independente da idade, sexo, condições físicas.

A educação física da escola, assim como outras disciplinas escolares, devem dar ferramentas para o aluno constatar, interpretar, compreender e explicar a realidade social e seguindo o Coletivo de Autores no livro "Metodologia do Ensino de Educação Física", os conteúdos da cultura corporal contextualizada tem este papel. Ao não apresentar este conteúdo nas aulas de educação física, estará faltando uma ferramenta.

Também, podemos ver que há uma lacuna temporal bastante grande em relação a este conteúdo, nota-se que não há estudos recentes desta modalidade no âmbito escolar, principalmente como integrante do projeto pedagógico escolar e que este tema, muitas vezes, fica restrito somente para os primeiros anos escolares dos alunos. Podemos achar livros sobre exercícios, a pedagogia dos movimentos da ginástica, mas, senti falta de livros que encarem a ginástica artística como conteúdo da educação física, esta, parte de nossa história e cultura.

Com as informações que temos não é fácil ministrar ou nos manter atualizados (no sentido de termos um embasamento teórico) para ensinar a ginástica artística, tanto para quem não tem experiência como também, para quem vivenciou um pouco deste esporte.

Metodologia: caminhos percorridos.

Este trabalho é uma revisão bibliográfica, sobre a ginástica artística e educação física escolar.

Ao trabalharmos com o tema ginástica artística, é difícil não fugir dos autores clássicos desta modalidade: Roland Carrasco, Philippe Hostal e Jacques Leguet, principalmente porque estes autores são um marco para a introdução do conteúdo ginástica artística para todos.

Outro ponto importante para confecção deste trabalho, foi a coleta de dados históricos, como os Métodos Ginásticos e as Olimpíadas, estes, necessários para compreensão dos valores que a ginástica artística teve e, tem.

Sobre a educação e a educação física escolar, foram coletadas informações de autores que têm uma visão crítica sobre estes assuntos e, nesta visão, mostrar como é possível trabalhar tal conteúdo numa aula de educação física escolar.

Através de análise reflexiva e inter relações históricas, será mostrado um breve panorama da ginástica artística na escola, pois, as épocas são de extrema importância para entender o contexto da educação física e porque algumas atitudes foram tomadas de tal maneira.

Num primeiro momento a idéia principal deste trabalho era pensar a ginástica artística na escola, sendo esta, o tema no qual este trabalho iria focar, porém, durante as pesquisas, foi constatado que a ginástica artística é um conteúdo legitimado, seja na bibliografia ou em conversas informais com profissionais de educação física. Durante a pesquisa bibliográfica, foi percebido que a ginástica, independente da concepção teórica de educação física, é um conteúdo desta área. É importante perceber que um conteúdo mesmo legitimado, não significa que ele esteja presente nas aulas de educação física escolar.

Este trabalho surgiu na constatação dos motivos nos quais a ginástica artística não é introduzida na escola e sobre a falta de discussão que se tem sobre a ginástica artística.

Com faltas de reflexões e pesquisa, não é possível ensinar nada. A reflexão é necessária se tivermos como objetivo ensinar um conteúdo muito além de suas imposições, do que querem nos fazer acreditar o que é a prática de determinado esporte, na ginástica artística, uma prática que poucos podem usufruir e que está longe da realidade dos espaços escolares.

Para conseguir refletir e levantar propostas, este trabalho foi dividido em quatro capítulos nos quais, todos, tentam mostrar um panorama da ginástica artística e da educação física escolar.

O primeiro capítulo é um levantamento bibliográfico sobre as principais barreiras que existem para se inserir a ginástica artística na escola, foi importante pesquisar isto, pois mostra uma visualização dos principais estudiosos da ginástica e como eles interpretam a não inclusão da ginástica artística na escola.

No segundo capítulo é mostrado um pouco das correntes teóricas da educação física e situando os autores da pedagogia da ginástica artística e da educação física, mostrando os valores histórico-sociais e culturais que estas propostas de ensino apresentam.

Com todos estes dados em mãos, foi possível conseguir refletir sobre a ginástica artística e interliga-la com a educação física, montando o terceiro capítulo com propostas, abordagens e muitos questionamentos.

Questionamentos estes que fizeram confeccionar um capítulo especial para se refletir sobre a ginástica artística, no quarto capítulo é possível encontrar um pouco da origem da ginástica, esta, na qual acreditava-se ser uma prática de um corpo livre e sem maldade, ganhou fortes valores e utilidades.

As considerações finais são apenas uma retomada dos principais pontos de reflexão e propostas e deixar minhas indignações e dúvidas que surgiram na finalização deste trabalho.

Capítulo I

Conhecendo os principais problemas da Ginástica Artística.

As principais barreiras que encontramos nas aulas de educação física na escola, sobre o conteúdo ginástica artística, são conhecidas: falta de preparo dos profissionais em ministrar este conteúdo, falta de aparelhos específicos para ginástica artística no espaço escolar, a imagem distorcida desta modalidade.

Nista–Piccolo, em sua dissertação de mestrado de 1988, fez uma pesquisa de campo nas escolas das redes particular, estadual e municipal da cidade de Campinas e confirmou que a ginástica artística, bem como a ginástica rítmica, não estão inseridas nas aulas de educação física por ausência de conhecimento destes conteúdos por parte dos profissionais de educação física.

Embora este estudo tenha 14 anos, estudos recentes indicam que estes pontos levantados ainda estão presentes, nota-se que os profissionais e futuros profissionais apresentam bastante dificuldade em ministrar tais aulas: na disciplina de estágio, ao ministrar uma aula de ginástica artística, percebi o alívio de meus companheiros de estágio por uma das integrantes ser ex-ginasta (no caso, eu), foi dito o seguinte desabafo: “Ainda bem que você estava aqui para nos ajudar, não saberia nem por onde começar”, e, também, da professora de educação física: “Eu não teria condições de passar tal conteúdo, também, eu não sou atleta desta modalidade”.

Além do ensino escolar, muitas vezes, não fornecer tal conteúdo, ao entrar no ensino superior de educação física, o graduando não encontra alicerces necessários para deixá-lo confiante em ministrar uma aula de ginástica artística na escola, no I Fórum de Ginástica Geral realizado em agosto de 2001 no SESC de Campinas, numa das mesas temáticas sobre ginástica geral, é citado a seguinte informação:

“Mesmo sendo a Ginástica Artística e a Rítmica, conhecimentos tradicionais da educação física brasileira e

importantes de serem desenvolvidos na escola, o maior enfoque dado nos Cursos de Graduação é para os aspectos relacionados ao treinamento dessas modalidades, ressaltando a técnica, o regulamento, o treino, o que estaria direcionado à atuação em clubes, junto a equipes competitivas e não à atuação na escola onde os aspectos pedagógicos deveriam ter maior destaque." (Paoliello, 2001, pág. 25).

A escola não possui aparelhos de ginástica artística, seja pública ou particular, obter traves de equilíbrio, cavalos para saltos, as três barras que existem na ginástica artística (fixa, e as paralelas simétricas e assimétricas) e nem um tablado, fora o material de segurança, são materiais totalmente fora do orçamento escolar. Mas, numa escola, dificilmente não encontramos plintos, bancos suecos, espaldares, cordas (suspensas, penduradas, etc).

A imagem que é transmitida sobre a ginástica artística é um dos principais fatores de sua repulsa nas aulas de educação física, nota-se que é um esporte pouco transmitido e divulgado no Brasil, e, quando isto ocorre, sempre se é divulgado competições e torneios, isto, quando algum brasileiro (neste quadro, há mais destaque as ginastas) consegue bons resultados nestas competições.

A comunicação e a veiculação de informações é mais rápida e fácil, mas também, pode potencializar as idéias hegemônicas, nesta afirmação, basta ver o caso da ginástica artística, a divulgação mais presente e acompanhada é do esporte de alto nível, ou seja, somos constantemente bombardeados com estas imagens de super atletas, com grandes performances, é muito difícil encontrarmos informações, nos principais meios de informação sobre a prática da ginástica (no sentido mais amplo).

No livro "Pedagogia dos Esporte" (1999), organizado por Nista-Piccolo, e na área da ginástica, onde a autora se manifesta, acredita que a ginástica artística é vista como um esporte que se espera grandes performances e elitizado (apenas os mais habilidosos conseguem), Nista-Piccolo (1999, p.114)

acredita que “É preciso acabar com a seleção de crianças, quando se sabe que o direito é de todos e as necessidades de movimento também.”.

Não que seja diferente nos outros esportes, mas, num esporte que não está presente no cotidiano brasileiro, esta imagem fica muito distorcida, pois, ela aparece distanciada da nossa realidade, estabelece padrões de pessoas aptas a esta prática, e requer aparelhos caros e é considerada uma prática de extremo risco. Quando não há informação suficiente para quebrar esta imagem, ela permanece intacta e indiscutível.

Micheli Escobar (1990, p. 22) afirma que a falta de um espaço apropriado para a ginástica, desestimula os profissionais de educação física a trabalharem com tal conteúdo, a autora vê este acontecimento como algo que apenas confirma a esportivização da ginástica.

A ginástica artística tem como característica elementos que destoam da natureza do corpo, como, inverter a posição normal (apoio invertido, vertical, etc), faz o corpo vivenciar situações inusitadas e de constante desafio à gravidade, o corpo ganha posições que destoam da ordem lógica do corpo, Soares (1998), mostra em seu livro “Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XXI”, livro no qual mostra diferentes imagens do corpo sob diferentes concepções educacionais.

Pode parecer que são dados históricos e que estamos em outro século, mas, notamos que estas marcas ainda estão presentes na nossa sociedade, as acrobacias que fazem parte do repertório da ginástica artística, ainda é encarado como algo distante e não pertencente à educação, perigoso, performance, no qual os praticantes destoam de padrões.

A bibliografia também, pode ser considerada um problema, há trabalhos que propõe a ginástica artística na escola, mas há uma defasagem literária, principalmente na defesa da ginástica artística, como um conteúdo além de sua simples prática na escola muitos destes livros apenas seguem a lógica da época em que foram escritos, propõe apenas os exercícios e é bastante difícil encontrar livros que tratem sobre os valores da sociedade sobre a ginástica.

Capítulo II

Conhecendo o contexto da ginástica artística.

Verificando que, uma das principais razões de não encontrarmos a ginástica artística na escola é a falta de conhecimento e de experiência na modalidade, neste capítulo, pretendo mostrar uma visão geral da ginástica artística e entender o porquê de sua imagem.

Embora para entendermos todo este processo seria preciso vasculhar um pouco mais sobre a origem da ginástica, enfocarei mais os trabalhos de apenas algumas décadas passadas e o caminho que a ginástica artística vem tomando nestes últimos anos.

Há clássicos na pedagogia da ginástica artística, como Carrasco, Leguet e Hostal, é importante saber que não há grande diferença cronológica entre eles e, estes, sistematizaram os exercícios da ginástica, todos são a favor de se ter a ginástica artística na escola e consideram uma conquista muito grande tal conteúdo estar presente na escola, estes livros retratavam a realidade das escolas francesas da década de 70 e 80.

São livros baseados na ótica da Ginástica Francesa, nisto devemos levar em conta a lógica que esta ginástica foi desenvolvida, segundo Soares (1994, p. 51):

“Na França a ginástica integra a idéia de uma educação voltada para o desenvolvimento social, para o qual são necessários homens completos: todos os cidadãos tem direito à educação”.

Não é de se estranhar, portanto que estes livros tem como objetivo a inclusão e a participação de todos os alunos, embora em algumas partes destes livros eles avaliem a aptidão física dos alunos, mas, a idéia principal que eles

nos transmitem é a ginástica para todos os alunos, principalmente na iniciação a este esporte.

2.1 Estudando Roland Carrasco.

Carrasco escreveu uma série de livros sobre ginástica artística, estes, que vão desde a pedagogia desta modalidade até exercícios para o condicionamento de ginastas, embora ele considere ser importante ter tal conteúdo na escola, suas obras são mais voltadas para a aprendizagem da ginástica artística fora do âmbito escolar, mas, suas séries de exercícios podem muito bem ser incorporadas na escola.

Este autor propõe a montagem de séries gímnicas, nada mais, do que planejar a aula para que não haja filas, esta é extinta, com a montagem de estações nas quais fazem os alunos vivenciarem todas as etapas dos principais exercícios e, principalmente, em um espaço curto de tempo, conseguir que os alunos consigam vivenciar o maior número de aparelhos ginásticos que o local possuir.

Seu livro consegue dar um salto quantitativo nas aulas de ginástica artística (no sentido de se incluir um grande número de alunos, independente de suas capacidades físicas): não é necessário um número grande de profissionais de educação física para ministrar uma aula e também faz todos os alunos participarem da aula, independente de sua vivência com o esporte. A montagem de circuito consegue dividir numerosos grupos em grupos menores, mais fáceis de se trabalhar, e, as estações são planejadas de uma forma que apenas uma passagem mais complexa exija a atenção do profissional.

Nos livros sobre pedagogia da ginástica artística deste autor, ele divide a atividade gímnica em 10 famílias: “cambalhota para frente”, “cambalhota para trás”, “combinações de cambalhotas”, “giros”, “impulsão de pernas e braços alternados”, “posicionamento de dorso”, “impulsão de pernas-braços simultâneos”, “abertura antepulsão”, “fechamento retropulsão”, “evolução de giros”

Estas famílias são montadas em estações e circuitos, fazendo com que todos os alunos passem por estes movimentos e, tem como característica a iniciação do esporte, nota-se que em seus livros é usado tanto materiais de fácil acesso como os específicos para a ginástica artística, embora ele seja a favor deste conteúdo na escola, não é seu objetivo inseri-la na escola, tanto que a pedagogia da ginástica artística que este autor propõe, é a iniciação esportiva, sendo, escrito por Carrasco, livros para o condicionamento das atletas, livros específicos sobre os aparelhos de ginástica.

2.2 Estudando Philippe Hostal

Sobre os exercícios da ginástica este autor segue a mesma lógica que Carrasco, dividir turmas grandes em pequenos grupos, e faz com estes alunos consigam vivenciar o maior número de posições, movimentos e aparelhos ginásticos.

Diferente de Carrasco, os trabalhos de Hostal são voltados para a educação física escolar, ele mostra como é possível dar elementos da ginástica artística para os alunos com os materiais disponíveis, principalmente, aqueles materiais que não são de muita utilidade na escola, ou materiais que são somente usados para condicionamento físico.

Seus livros (e sua didática) exploram aparelhos como plintos, bancos suecos, espaldares, cordas, colchões, e, também propõe experimentar, se possível, outros meios, como, trabalhar no meio aquático.

No final de seus livros, ele coloca em anexo, desenhos feitos por seus alunos e que ilustram as atividades que eles fizeram nas aulas, nestes desenhos, ele prova como a prática deste esporte consegue fornecer aos alunos o conhecimento de corpo, proporção e como a ginástica é rica em elementos que propiciam ao aluno mais do que uma simples prática, é citado também, a alegria destes alunos.

Hostall propõe este trabalho para crianças, defendendo a importância da ginástica artística para a formação dos alunos do ensino infantil e fundamental,

e, através dos desenhos, mostrar a apropriação que a ginástica fornece aos alunos.

2.3 Estudando Jacques Leguet

É um dos autores mais utilizados nos trabalhos de ginástica artística, sua obra é bastante versátil, podendo utilizar tanto no treinamento de elementos mais complexos, como também, na iniciação da ginástica.

O objetivo deste livro, independente da iniciação a este esporte, ou para o treinamento de atletas ou para se introduzir a ginástica na escola, é mostrar os principais movimentos da ginástica e suas transições; e, como elas são importantes para a formação de acrobacias mais complexas da ginástica. Numa leitura descompromissada, podemos levar um susto ao ver um mortal duplo no mesmo patamar que um rolamento para trás, mas as “ações motoras”, são quase as mesmas.

O autor acha de extrema importância as escolas abordarem a ginástica artística na escola, em todos os níveis de ensino, sendo dividido em níveis as estações, os graus de complexidade aumentam em decorrência da vivência dos alunos: é proposto para o ensino médio a aprendizagem de flic-flac, mortais, ou seja, no terceiro ano do ensino médio, se os alunos tiveram aulas de ginástica artística desde o ensino infantil, eles estarão aptos a se arriscarem em acrobacias mais requintadas.

As doze famílias de Leguet objetivam o aluno a experimentar as principais posições e transições dos movimentos da ginástica, seja de solo como nos principais aparelhos da ginástica artística, foi um passo bastante importante na pedagogia da ginástica artística. Elas são: “girar sobre si mesmo”, “abertura e fechamento”, “passar pelo apoio invertido”, “aterrissar”, “saltar”, “manter-se em equilíbrio”, deslocar-se em bipedia”, “passagem pelo solo”, “balancear-se do apoio”, “balancear-se em suspensão”, “passar em suspensão invertida”, “volteio”.

Algo bastante interessante de se estudar o livro de Leguet, é que, os exercícios de ginástica que existem em seu livro “As ações motoras em ginástica

esportiva” podem ser inseridas no contexto escolar, mas, também, fornecem elementos que podem formar um treinamento mais rigoroso.

Neste período no qual foram lançados estes livros no Brasil, encontramos vários movimentos de redemocratização dos esportes e também, de discussões sobre a lógica vigente, a da aptidão física, a escola como celeiro esportivo, com o clamor da democracia, a ginástica foi duramente criticada e surgiu-se o questionamento de sua presença na escola, uma prática tão militarizada e tão voltada para a performance (esportivizado) parecia distante dos ideais democráticos, Ayoub (2003, pg 82) descreve que o termo militarista, nesta época, tem a conotação de alienação das camadas populares.

O Coletivo de Autores (1992, pág. 55) complementam que a psicomotricidade, embora não seja um método de educação física, mas sim uma apropriação dos exercícios da educação física para estimular o desenvolvimento psicomotor, como a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras, foi amplamente divulgada e assimilada na educação física. Tanto que muitos destas obras sobre ginástica artística levam em consideração os ganhos que o indivíduo pode conseguir, como, maior sociabilização, aprimorar inteligências como concentração, criatividade, etc.

Porém, na década de 90 aparecem novas propostas de trabalho, nas quais, mostram que a educação física não precisa ser tão atrelada a outros conhecimentos, não tão embasada apenas pelas áreas da biologia. Há crises pedagógicas, grupos, descontentes com a lógica vigente, unem-se para formar novas teorias e explicações, objetivando, assim, explicar a realidade com outros argumentos.

Podemos citar, nesta época, o surgimento das propostas curriculares de Pernambuco, Michele Escobar, como Secretária de Educação, propõe um trabalho de educação física ligada à cultura corporal, pois:

“O homem tem produzido, no decorrer da história, um acervo de formas e representações do mundo, exteriorizadas pela expressão corporal.”(1990, pág. 7).

Os conteúdos que Michele Escobar defende nas aulas de educação física, seguindo esta lógica são: os jogos, os esportes, a ginástica e a dança. É importante perceber que são conteúdos que a autora mostra as possibilidades de trabalho, pois, como se trata da abordagem de conteúdos da cultura corporal, nada nos impede de trabalharmos com outros conteúdos, como a mímica, o malabarismo.

Em 1992, aparece o Coletivo de Autores que também abraçam a ginástica como um dos conteúdos a ser trabalhado, sobre a ginástica, nota-se a preocupação em mostrar que é uma modalidade de pouca vivência e cheia de mitos e dificuldades em ser inserida na escola.

Estes autores acreditam que a legitimação da ginástica se deve ao fato de que este conteúdo conter "... uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular e do homem, em geral."(pág. 77). E complementam: "Assim, a presença da ginástica no programa se faz legítima na medida em que se permite ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais." (p. 77).

As propostas de trabalho nos diferentes ciclos de aprendizagem seguem os mesmos moldes do que Micheli Escobar descreve em "Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública".

Neste trabalho é proposto que a ginástica artística seja inserida no Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) e retoma-la no Ensino Médio, neste último, ensinar um conhecimento "técnico/ artístico aprofundado"

Assim como os autores da pedagogia da ginástica artística, o Coletivo de Autores criaram "famílias", nas quais afirmam que os fundamentos da ginástica artística são: "saltar, equilibrar, rolar/girar, balançar e trepar"(1992, p. 89).

O Coletivo de autores não se utiliza de termos específicos da ginástica artística, pois, este livro foi direcionado para o curso de Magistério e houve a

preocupação em se colocar termos acessíveis para professores nos quais, muitas vezes, não tiveram vivência alguma com a ginástica artística.

Assim como Hostal, o Coletivo de autores defendem a apropriação do espaço e materiais presentes na escola, como, bancos suecos, plintos, arcos, bolas, fitas, e o que a criatividade conseguir transformar em aparelhos de ginástica como muros baixos, tábuas, tijolos, cubos de madeira etc.

Algo enriquecedor é visualizar estas obras e conseguir extrair uma aula coerente com a realidade da escola em que se está trabalhando, embora estas obras tenham sistematizado muitas estações e possibilidades de trabalho, não é objetivo delas fazer o professor simplesmente reproduzir o que é proposto. Os autores afirmam que é necessário o profissional de educação física ter autonomia de planejar o projeto pedagógico e suas aulas.

Nista-Piccolo (1999, p. 115), descreve que no final da década de 80 e meados dos anos 90, é organizado, através do grupo de estudos Eunegi (Equipe Universitária de Estudos da Ginástica) da Faculdade de Educação Física da Unicamp o projeto "Crescendo com a ginástica", sendo no ano de 1993, o término da sistematização de sua estruturação e implantação do projeto, no qual atendia cerca de 300 crianças, envolvendo 30 monitores (graduandos e pós graduandos), tendo como objetivo "trabalhar com diferentes qualidades de movimento, necessárias para a execução das habilidades esportivas", e, para os monitores, "vivenciar uma prática aplicada de seus conhecimentos teóricos".

Este projeto direcionou muitos trabalhos sobre a ginástica artística, nota-se que a ginástica artística é direcionada para crianças, voltado para a aprendizagem motora. As aulas de ginástica são divididas em três momentos (1999, p.120):

O primeiro momento é o de exploração para o aluno, no qual, o aluno vivencia toda a bagagem motora que ele já possui, não há intervenção dos profissionais e do grupo, é um espaço que enaltece "aspectos como criatividade, sociabilidade, iniciativa individual...". O segundo momento, são fornecidas pistas pelo professor, estas, com o intuito de instigar o aluno a novas possibilidades,

sendo finalizada, com a terceira fase na qual há maior interferência do professor de educação física.

Seguindo a lógica deste projeto, encontramos o trabalho de conclusão de curso de graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp de Schiavon (1998), onde ela propõe o trabalho de ginástica artística na educação infantil, ela se baseia nas ações motoras do esporte proposto por Leguet, e fundamenta a inclusão da ginástica artística pela teoria desenvolvimentista de Gallahue. Neste trabalho, ela mostra as possibilidades de trabalho para esta faixa etária, e, defendendo a idéia de que os alunos precisam vivenciar diferentes tipos de movimentos, com materiais variados, a autora propõe a utilização de bolas, arcos, bancos suecos, etc, e, fazer o aluno experimentar os giros, suspensões e diferentes possibilidades, como, chutar bolas, andar em equilíbrio, etc.

No I Fórum de Ginástica Geral de 2001, Schiavon, numa mostra pedagógica, apresenta seu trabalho de mestrado, este, é a possibilidade de se introduzir o projeto “Crescendo com a ginástica” nas escolas, Schiavon descreve nesta amostra, que foi preciso montar um grupo de estudos com alunos de graduação em educação física, e, como a escola não há material específico e muito menos espaço para os materiais, foi preciso planejar materiais desmontáveis e, materiais coloridos e que sejam do universo infantil.

Embora haja trabalhos de conclusão de curso que discutem a apropriação do espaço escolar para as aulas de ginástica artística, não foram encontradas disponíveis, há apenas os resumos delas.

Capítulo III:
Educação Física e Ginástica Artística:
Reflexões e algumas propostas.

Educação física é uma disciplina escolar, responsável, assim como as outras disciplinas escolares de ensinar ao aluno o conhecimento científico, desenvolvendo a reflexão dos conteúdos culturais nos quais nossos alunos e nós estamos inseridos.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), os conhecimentos que a educação física aborda na escola, são conteúdos da cultura corporal, nesta, eles destacam cinco grandes conteúdos: os Jogos, os Esporte, a Ginástica, a Dança e a Capoeira.

Nota-se que estes conteúdos são vistos muito mais do que uma prática corporal, são elementos da nossa cultura que carregam uma história, assim como os alunos, seres histórico-culturais.

Se quisermos formar atletas que se consagrem no esporte, com certeza a escola não é o espaço apropriado, mas este, é um espaço de se ensinar os conhecimentos de nossa cultura, as aulas de educação física é um espaço para trabalharmos estes conhecimentos, seja sua prática como também reflexão sobre ela.

O profissional da educação tem como objetivo transformar o conhecimento ingênuo do aluno em conhecimento epistemológico, ou seja, ensinar é muito mais que transmitir o conhecimento, mas sim, dar ferramentas para o aluno construir, destruir e mudar a realidade, não há aula melhor do que a de educação física para romper com as imagens e mitos que envolvem os esportes.

Nota-se que muitos profissionais de educação física ainda apresentam um olhar ingênuo sobre a ginástica artística, ou seja, sentem-se inseguros e despreparados para se trabalhar a ginástica artística na escola, este tem o conhecimento tão ingênuo quanto o de seus alunos sobre esta prática, tão

influenciada pelos meios de comunicação e pela lógica da aptidão física, pois, a ginástica artística que nos é veiculada é a de nível olímpico, parecendo que somente pessoas que conseguem altas performances são aquelas que serão felizes e realizadas com a ginástica.

Paes (2001, p.25), afirma, seguindo a lógica de Carvalho (1987) o qual acredita que o esporte escolar não deve ser subordinado ao esporte administrado por Federações que:

“Na escola o esporte deve ter sua própria função, ou seja, oferecer ‘as crianças o acesso e sua iniciação, como um conhecimento da cultura física, contribuindo para a formação do aluno”.

É interessante perceber que na década de 80 formaram-se profissionais aversos à prática da ginástica artística na escola e fez uma geração inteira não vivenciar a ginástica na escola, seja por motivos políticos ou por pura falta de confiança em se ministrar uma aula de ginástica artística.

Afirmar que a ginástica artística é uma modalidade que não se encaixa no espaço escolar é não estar ciente dos autores estudados no II capítulo, ou seja, estar desatualizado pelo menos, 20 anos. Qualquer profissional de educação física deveria saber que estes autores apenas seguem as correntes filosóficas da época, mas que isto, não desmerece e nem diminui seus trabalhos. Nota-se que ainda podemos sentir as marcas que a década de 80 fez com a ginástica: profissionais desta época não incluíram a ginástica em seus planejamentos, e, como conseqüência fez uma geração inteira não ter contato com esta prática.

Ao lermos suas obras, notamos que eles deram um passo bastante importante para a ginástica artística: um esporte que sempre é associado a perigo e dificuldade de ser inserido na escola, estes autores mostraram que a ginástica artística é possível sim ser trabalhada na escola, e, nem é preciso ter materiais de alta performance para se conseguir ensinar.

Não podemos negar que as obras clássicas sobre a ginástica artística estão atreladas em outros alicerces, não somente o alicerce da educação física,

eles muitas vezes, afirmam que o rendimento nas atividades são influenciados pela “idade, sexo, etc” (Carrasco, 1985), e que este esporte proporciona a sociabilização das crianças e o desenvolvimento motor. Também, não podemos negar que a ginástica artística desenvolve estas características, assim como os outros esportes também conseguem, por isso, se tivermos apenas estes objetivos para serem trabalhados na escola, a ginástica não precisaria ser inserida na escola.

Outro salto muito importante dado por estes autores, é que eles acreditam na inclusão e participação dos alunos nas aulas de ginástica artística, e, acreditam que todos os alunos devem experimentar o maior número de aparelhos, independente de serem aparelhos femininos, ou masculinos, então, um garoto pode muito bem se apropriar e vivenciar uma trave de equilíbrio, saltos da dança etc, e as meninas podem e devem experimentar o cavalo com alças, as paralelas simétricas.

Devemos ler as obras, tanto os autores clássicos como também os atuais (e também este trabalho) com uma visão crítica, ver até que ponto pode ser introduzido tal conteúdo tanto na realidade da escola, como na realidade da turma em que se está trabalhando. Mesmo o trabalho de Micheli Escobar no qual sustenta a ginástica como conteúdo e defende a introdução da ginástica artística, possui termos questionáveis: ela propõe dar uma iniciação da modalidade nos primeiros anos escolares para nos últimos anos escolares ensinar mais técnica e nesta, conversar sobre a ginástica, mas é muito comum os alunos chegarem nestes últimos anos escolares sem nunca terem vivenciado a ginástica artística, e, também, sua proposta de trabalho, faz com que as séries finais do ensino médio, aprendam técnicas, deixando o lado de exploração e possibilidades apenas para o ensino infantil e fundamental.

Muitas vezes, ao entrarmos numa escola, veremos que os alunos, independente da série escolar em que se encontra, aos quais não tiveram acesso à ginástica artística, mas só porque o aluno não está na faixa etária considerada adequada para a modalidade não significa que ele não possa

vivenciar o esporte. E também, não é porque este aluno já não é mais criança, ele não possa explorar livremente outras possibilidades gimnicas.

Outro ponto importante que devemos refletir, é que a ginástica artística está entrando na escola através de escolinhas de ginástica, não considero algo negativo e muito menos algo competitivo às aulas (como disciplina) de educação física, mas que este conhecimento esteja inserido no projeto pedagógico das aulas de educação física, e, nesta, o aluno tenha autonomia de querer ou não, fazer parte destas escolinhas e, para se ter autonomia, é necessário que ele, pelo menos tenha conhecido o tema, principalmente na escola.

Como proposta, devemos contextualizar a aula para os alunos, talvez, criar um mundo de fantasias para ensinar a ginástica artística para os alunos do ensino fundamental e médio não seja a melhor tática, porém, a ginástica artística não é somente seus movimentos e acrobacias, mas, é parte da cultura corporal. E que o conhecimento, seja a ginástica artística como outros, não tenha faixa etária para apreende-los.

Com certeza não é complicado somente para o profissional de educação física inserir tal conhecimento na escola, poderá haver repulsa dos alunos, mas, a escola deve ser um local que propicie rompimento da lógica em que o aluno está contextualizado, Freire (1996) afirma que é preciso não ter medo do risco e Snyder (1988, pág 210) nos encoraja a ajudar o aluno romper a continuidade de algumas verdades estabelecidas.

É importante visualizarmos, porque, mesmo a faculdade de educação física tenha em seu currículo a disciplina ginástica artística, não faz os graduandos terem segurança e argumentos para conseguir ministrar uma aula de ginástica artística.

Também, é um desafio para os profissionais de educação física, mesmo que este já tenha sido ginasta, como mencionado, muitos profissionais com experiência na área (ex-ginasta), foi iniciado fora do âmbito escolar, e, possui apenas os valores hegemônicos da ginástica artística, como, por exemplo, valorizar somente a técnica ao invés da experiência que os alunos estão tendo, é preciso um banho acadêmico tanto, pois, ex-atletas não são educadores.

Não me proponho a elencar exercícios da ginástica artística que possam ser trabalhados na educação física escolar, os autores citados neste trabalho os fazem com extrema competência. Freire (1996) afirma que o educador tem a obrigação de pesquisar o conhecimento a ser ensinado, e que este seja crítico: não é preciso ter sido um ginasta para se dar aulas de ginástica, mas é preciso o educador saber os valores que existem na ginástica e o que se quer ensinar sobre a ginástica. A pedagogia da ginástica artística está muito bem servida de exercícios, não conseguiria propor uma sistematização dos exercícios da ginástica tão eficaz com os aparelhos presentes na escola como a existente.

Não consigo também, indicar qual destes autores é mais apropriado para se introduzir na escola, mas, acho que o profissional de educação física que tem como objetivo apresentar e ensinar os conteúdos da cultura corporal, devem estudar, pesquisar e ter autonomia suficiente para planejar uma aula, seja seguindo os exercícios de Carrasco, Leguet, ou outros autores. Os autores clássicos da ginástica artística montaram famílias para sistematizar o aprendizado dos movimentos da ginástica artística, nada nos impede de ensinar exercícios completos, ou montar estações com materiais não convencionais da ginástica artística.

Ao estudar o assunto podemos dizer que o despreparo dos profissionais de educação física em ministrar aulas de educação física tem como principal alicerce a falta de pesquisa sobre o assunto, talvez, haja a pesquisa, mas não há a visão crítica, temos que ter bem claro o momento em que foram escritos os livros, é claro que eles seguem a linha teórica que era mais pertinente para o período, assim como este trabalho é escrito na vertente mais coerente para este tempo

Capítulo IV

A ginástica artística e sua associação com os métodos ginásticos: um pouco mais de história e outras reflexões.

Este capítulo tem como idéia mostrar as transformações que ocorreram na ginástica artística, como nós, sociedade mudamos a ginástica e como ela também tem este poder. São apenas inquietações, idéias e conclusões que surgiram em decorrência do que se foi estudado.

Não podemos dizer com precisão quando e onde surgiu a ginástica e os elementos que fazem parte dela, principalmente porque há um ocidentalização da história que nos é ensinada, na qual omitimos e deixamos nos omitir sobre outras culturas, mas, na Grécia Antiga já existem relatos de ginástica, sendo esta, entendida como "a arte de exercitar o corpo nu":

"... no sentido do despido, no simples, do livre, do limpo, do desprovido ou destituído de maldade do imparcial, do neutro, do puro." (Ayoub, 2003, p. 31)

A ginástica englobava jogos da cultura popular e da nobreza, acrobacias, equitação, saltos, ect. Era uma gama de atividades que correspondiam ao corpo livre.

Surge a sistematização dessas atividades e são denominados métodos ginásticos, estes surgiram para corresponder as necessidades das épocas, seja para defesa da pátria, fim do alcoolismo, ou capacitar o corpo para o mercado de trabalho (Soares, 1994).

É importante perceber como todos estes elementos ainda estão presentes na ginástica artística que conhecemos hoje, embora esta modalidade tenha outro significado para nós, não visamos a ginástica artística como formadora de soldados, corpos fortes e destemidos, preparar o corpo da mulher

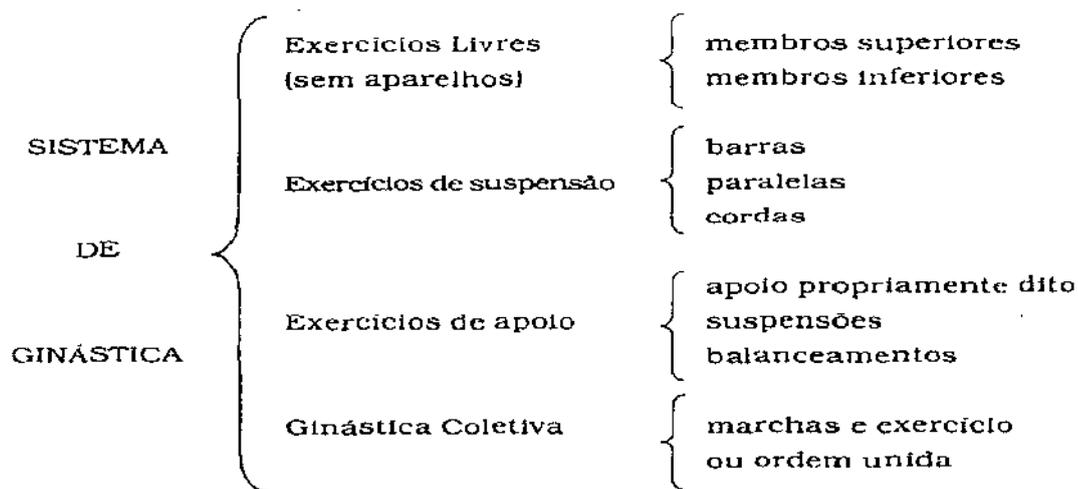
para a maternidade, livrar cidadãos dos vícios que expurgam a sociedade, porém, para ensinar a ginástica artística, ainda nos baseamos nos métodos ginásticos.

Como já mencionado, os autores clássicos da ginástica artística afirmam utilizarem o método francês de ginástica, mas podemos perceber que existe um pouco de cada método ginástico europeu em seus livros, como também, nas demais propostas de ginástica artística estudadas.

Para visualizarmos melhor, serão apresentados alguns exercícios propostos nas ginásticas européias e, associa-las com as propostas destes autores.

4.1 Escola Alemã.

A ginástica desenvolvida para o aprimoramento corporal, com caráter nacionalista, numa Alemanha sem limites definidos.



(Soares apud Accioly, 1994, pág. 55)

3.2 Escola Sueca.

Criada para extirpar os vícios da sociedade, a ginástica tinha como papel “criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios” e, “preocupados com a saúde física e moral”.

Pehr Henrick Ling (1776-1839), criador do método ginástico sueco, divide a ginástica em quatro objetivos: ginástica pedagógica ou educativa (ginástica para ser executada por todos, independentemente do sexo ou idade); ginástica militar (a ginástica pedagógica com elementos militares, como, esgrima e tiro); ginástica médica ou ortopédica (tratar os problemas de postura, e curar enfermidades); ginástica estética (completada com elementos suaves da dança)

Alguns exercícios da Ginástica Sueca (Soares apud Marinho, 1994, págs. 58 e 59):

“1º - Exercícios de ordem

2º - Exercícios de pernas ou movimentos preparatórios formando uma pequena série. Esta série se decompõe assim:

- a) movimentos de pernas;
- b) movimentos de cabeça;
- c) movimentos de extensão do braços;
- d) movimentos do tronco para frente e para trás;
- e) movimentos laterais do tronco;
- f) movimentos outros de pernas;

3º - Extensão da coluna vertebral

4º - Suspensões simples e fáceis

5º - Equilíbrio

6º - Passo ginástico ou marcha

7º - Movimentos dos músculos dorsais

8º - Movimentos dos músculos abdominais

9º - Movimentos laterais do tronco

10º - Movimentos de pernas

11º - Suspensões mais intesas que as do nº 4º

12º - Marchas ou movimentos de pernas, executados mais rapidamente que os outros para preparar para saltos

13º - Saltos

14º - Movimentos de pernas

15º - Movimentos respiratórios”

Os aparelhos utilizados no método sueco são: o banco sueco, plintos, espaldares.

3.3 Escola Francesa.

Como já citado, a ginástica francesa estava direcionada ao desenvolvimento social. Não sendo descartada a necessidade de defesa a pátria e de performance.

A ginástica francesa tem elementos ritmados (utilizava-se até o canto), com exercícios para aprimoramento, como transpor obstáculos (tanto naturais, como os objetos), exercícios parados e em movimentos, diferentes suspensões, podemos incluir neste método, a equitação e a esgrima.

Ao compararmos com as propostas dos autores da ginástica artística, podemos ver que todos estes elementos estão presentes nas aulas de ginástica atuais, ou seja, a ginástica como um todo, não é inovadora em seu cerne, mas os significados que podemos inserir nesta modalidade devem ser inovadores.

Significados inovadores, no sentido de se quebrar imagens fortemente estabelecidas pela mídia e pelo senso comum, nos quais colocam rótulos e conceitos nos alunos, nos quais forçam o profissional a acreditar que não é apto para ministrar aulas que diferem da cultura hegemônica (Kunz, 2000): não só a ginástica sofre este obstáculo, mas também, esportes pouco divulgados, ou com fortes preconceitos, como as lutas e a dança.

Embora a mídia veicule apenas o que é de seu interesse, no caso da ginástica artística (e podemos dizer dos esportes) apenas sua prática com altas performances, ela é um registro das principais idéias e valores da cultura

hegemônica, é um fenômeno no qual fazemos parte e não podemos ignorar, mas podemos ter argumentos para não encara-la como a única verdade existente. Vasculhando um pouco nestes registros, foi possível encontrar informações enriquecedoras sobre a evolução da ginástica nas Olimpíadas e conseqüentemente, como foi formada a imagem de ginástica artística que temos hoje.

Estudando um pouco sobre a história das Olimpíadas, descobri que a ginástica artística que conhecemos no âmbito competitivo foi apresentada 1952, antes desta data a competição de ginástica era uma miscelânea de destrezas físicas, como, quem consegue subir em uma corda suspensa mais rápido, ou seja, apenas seguiam o que se era entendido de ginástica, mais precisamente, os métodos ginásticos. Não é por menos que os livros de ginástica artística tenham tantas semelhanças com estes métodos.

Se não conseguirmos introduzir aos nossos alunos a ginástica artística e seus principais elementos, não estamos somente 20 anos atrasados em conteúdos, mas sim, estamos negando toda a concepção de educação física.

E hoje, há bastantes influências culturais nesta prática, e não é para menos, hoje, não temos apenas influências das ginásticas européias e muito menos, os grandes pólos de ginástica estão apenas centrados na Europa. Teve uma época que as grandes ginastas vinham dos países socialistas da Europa (principalmente o leste europeu), hoje há um equilíbrio no quadro mundial.

A sociedade sempre arranja novos significados culturais para suas práticas, por isto, podemos afirmar sobre a ginástica, algo, que ao nosso conhecimento, surgiu como práticas de um corpo livre e sem maldades, se transformou hoje, numa entidade bastante fechada e sistematizada, não que tal sistematização seja maléfica ou benéfica, mas, parece formar um pacote inviolável que deve ser inserido na escola sem modificações ao cotidiano de determinada escola.

Porém, algo que sofreu tantas transformações, poderia pelo ser adaptada para o contexto escolar, principalmente para que seja um conhecimento ao alcance de todos, mas, não apenas a ginástica artística com seus movimentos

complexos, mas também, como algo que, assim como outros conteúdos de nossa cultura estão sempre em transformação.

É interessante ver que ao praticarmos a ginástica artística, seus exercícios já tiveram outros significados, muito mais do que acrobacias, exercícios de força e elementos da dança, mas também, algo que teve fundamentos biológicos, históricos e morais.

A ginástica artística é vista com olhos preconceituosos, porque, entre o universo da ginástica, esta prática, talvez, seja a que mais se aproxima com as aulas dos métodos ginásticos: como já mencionado, a ginástica na década de 80 ganha a denominação de prática alienante, não ideal para a redemocratização do país.

Com certeza a ginástica pode ser vista como veículo de manipulação das camadas menos abastadas, mas, qualquer esporte pode ser encarado desta maneira, e não é porque esta modalidade é tão enraizada nas práticas militares do século passado significa que ela precisa, necessariamente continuar como foi concebida.

Ao colocarmos a ginástica artística no conteúdo da educação física escolar, não estamos sendo ousado, pois, sem nenhuma dúvida, esta, é um elemento da cultura corporal, talvez, corajosos de inserir algo que não é convencional e que está tão atrelada a imagens negativas.

Imagens que nos faz acreditar que é uma prática que só pode ter valores competitivos e de altas performances, sendo impossível faze-la apenas como um conhecimento da cultura corporal, apresentando outros significados como uma prática prazerosa na qual nos coloca em situações nada corriqueiras, a possibilidades de se inverter e ter outros apoios, de girar o corpo.

Acredito que a ginástica artística de elite é para poucos, assim como a maioria dos esportes, mas que isto não impeça a vivência e o conhecimento dos esportes, principalmente, que os valores estejam presentes nas aulas, para serem ensinados, discutidos, e que ganhem novos significados, estes, fundamentados, nos quais os alunos consigam compreender a sociedade em que vivem e que constroem.

Considerações Finais:

A bibliografia sobre ginástica artística não é recente, porém podemos fazer nossos alunos vivenciar esta prática de maneira satisfatória com autores de mais de duas décadas, e se levarmos em conta os métodos ginásticos, mais de cem anos.

Mas é preciso dar ressignificados, tanto para os autores clássicos da ginástica artística como para os métodos ginásticos: estamos tratando a ginástica artística como um conhecimento da educação física escolar na qual acreditamos que todos os alunos têm o direito de aprender, independente de suas condições e habilidades físicas. A educação física é uma disciplina escolar, e seu objetivo não é formar soldados, e nem transformar a atividade física em panacéia dos males da sociedade, mas, estamos nela, para introduzir conhecimentos e nesta, dar autonomia a nossos alunos, para eles conseguirem escolher, construir, criticar e até destruir conceitos largamente difundidos e hegemônicos.

Algo muito importante de se perceber sobre esse assunto é que os livros clássicos de ginástica artística não são centralizados, ou seja, eles não ganham novos significados, é trabalho do professor de educação física lê-los com olhar crítico e aberto, pois, é preciso entendê-los em seus principais contextos histórico-culturais.

A ginástica artística possibilita ao aluno inverter a ordem natural do corpo, experimentar posições diferentes, rotações em diferentes eixos, execuções em diferentes planos.

Paulo Freire (1996) afirmou que para se ensinar é preciso pesquisa, criticidade e criatividade (não só para se ensinar a ginástica artística), pois, pesquisando sobre os métodos ginástico e os autores de ginástica artística e de educação física é possível introduzir a ginástica artística na escola, porém, entender o contexto histórico-social em que este livros foram escritos e ver a

escola como um espaço para se construir novas possibilidades e apresentar novos valores.

O professor de educação física que acredita numa ginástica artística apenas é possível num ginásio bem equipado, pode-se dizer que este profissional que caminha na sociedade olhando apenas para seus próprios pés, pois, quem nunca viu em praças, parques e até nos recreios escolares, crianças usando postes, paredes etc como apoio “para plantar uma bananeira”? Ou então, utilizar um degrau para ter maior impulsão num salto? Ou ainda, sair num grande pulo de um brinquedo num playground?

O desenvolvimento desta pesquisa nos fez fechar o trabalho muito mais com dúvidas do que conclusões, pois, com todo embasamento teórico visto e estudado para confecciona-lo, algo que ainda não foi entendido é: por que a ginástica artística não é inserida efetivamente na escola?

Contudo o que foi estudado, é possível ver que existe bibliografia (embora que dispersa), há um embasamento teórico que legitima a ginástica artística na escola, mostrando que é possível se trabalhar com tal conhecimento, e este não é distante da realidade escolar, mas isto não significa que a educação física escolar insere este conteúdo na escola.

É uma dúvida que deve ir além de uma pesquisa bibliográfica, porém, este estudo vem provar que é possível sim dar uma aula de ginástica artística na educação física escolar, esta, desde que contextualizada com a realidade de cada escola, com embasamento teórico, com propostas de trabalhos e até com apropriação do espaço escolar para a prática, portanto não é possível encontrar motivos para que esta prática não esteja no projeto pedagógico escolar, o que não vem ocorrendo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABTIBOL, Luiz Guilherme Barid, **Aprendizagem da Ginástica Olímpica**, Editora Ouro, 1980, Rio de Janeiro-RJ.

AYOUB, Eliana, **Ginástica Geral e Educação física escolar**, Editora Unicamp, 2003, Campinas – SP.

CARRASCO, Roland, **A atividade do principiante**, 4ª Edição Editora Manole; 1984, São Paulo.

_____, **Tentativa de sistematização da aprendizagem – Ginástica Olímpica**, Editora Manole, 1984; São Paulo.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino de Educação Física**, Editora Cortez, 8ª Edição, 1992, São Paulo.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa**, Editora Paz e Terra, 25ª Edição, 2002, São Paulo.

_____, **Pedagogia da esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**, Editora Paz e Terra, 10ª Edição, 1992, São Paulo.

HOSTAL, Philippe, **Pedagogia da ginástica olímpica**, Editora Manole, 1982, São Paulo.

_____, **Ginástica em aparelhos**, Editora Manole, 1982, São Paulo.

LEGUET, Jacques, **As ações motoras em ginástica esportiva**, Editora Manole, 1987, São Paulo.

KUNZ, Elenor, **Transformação didático pedagógico do esporte**, 2ª Edição, 2000, Editora Ijuí, Rs.

NISTA-PICCOLO, Vilma Leni, **Crescendo com a ginástica**, in V.L. Nista-Piccolo (org.); *Pedagogia dos Esportes*, Editora Papirus, 1999; Campinas-Sp.

SAVIANI, Demerval, **Escola e Democracia**, Editora Cortez, 1ª Edição, 1984, São Paulo.

SCHIAVON, Laurita, **A ginástica artística na Educação Infantil**, monografia para conclusão de curso da Faculdade de Educação Física – Unicamp, 1998.

SNYDER, George, **A alegria na Escola**, Editora Manole; 1988; São Paulo.

SOARES, Carmem Lúcia, **Imagem da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX**, 1998; Editora Autores Associados, Campinas-SP.

_____, **Educação Física Raízes Europeias e Brasil**, 1994, Editora Autores Associados, Campinas-SP.

PAES, Roberto Rodrigues, **Educação Física Escolar: O Esporte como Conteúdo Pedagógico do Ensino Fundamental**, 2001, Editora Ulbra, Canoas-RS

100 anos de Olimpíadas – História Completa dos Jogos, Editora Nova São Paulo e Círculo do Livro, 1996, São Paulo-SP.